



10º Congresso de Pesquisa

O HOMEM DAS FACAS: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Autor(es)

HENRIQUE GUILHERME SCATOLIN

Apoio Financeiro

CAPES

1. Introdução

Ao longo do meu trabalho clínico realizado em um pequeno posto de Saúde Pública no interior do estado de São Paulo, me deparei com um número elevado de neuróticos obsessivos. Isto significa que de todos os pacientes do sexo masculino que procuram psicoterapia neste Posto, a grande maioria foi diagnosticada pelos psicoterapeutas (incluindo-me, no caso) como sendo neuróticos obsessivos ou como pacientes que possuem traços obsessivos. Estes procuram psicoterapia quando sua neurose já se encontra em um estado grave. Freud, em suas sábias palavras, aponta que os neuróticos obsessivos “muitas vezes visitam um médico somente quando a sua queixa atingiu um estágio avançado”(1909, p. 140). Este estágio avançado está presente em várias queixas destes sujeitos. E durante o atendimento desses pacientes, o próprio contato clínico com eles aguçava meu olhar para delimitar o problema deste estudo de mestrado. Deste modo, no decorrer da psicoterapia com estes neuróticos, observo que uma grande parte destes apresenta algum cerimonial obsessivo. Estes sempre se queixam do sofrimento psíquico causado pela realização diária e compulsiva de certos cerimoniais. Com base nestas queixas, o que me chama a atenção para delimitar a problemática deste livro (fruto de minha dissertação de mestrado desenvolvido no núcleo de Psicologia Clínica da PUC-SP) é o simbolismo presente em certos atos obsessivos, como o esconder as facas nos muros, entrar nos quartos contando a tabuada do dois, orar quarenta vezes para não ocorrer nenhuma desgraça. Baseando-me em minhas indagações enquanto psicoterapeuta, questionava-me sobre o porquê destes atos cerimoniais. Quero dizer, o que eles representam, ou melhor, o que há de inconsciente nestes atos ou cerimoniais obsessivos?

2. Objetivos

Dentro do vasto campo que compreende o quadro clínico da neurose obsessiva, na teoria psicanalítica, o presente livro tem como objeto de estudo o ritual na neurose obsessiva. Assim, este livro desenvolve um estudo teórico-clínico sobre o que o ato de ocultar facas representa na constituição psíquica de um paciente neurótico obsessivo.

3. Desenvolvimento

Esta pesquisa fundamenta-se na psicanálise enquanto teoria, método terapêutico e de investigação do inconsciente. Neste estudo, o referencial teórico psicanalítico de Sigmund Freud e as contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana constituem o pilar que o norteiam.

4. Resultado e Discussão

No ato de ocultar facas, neste ritual “primitivo”, a religião individual deste paciente neurótico, com as suas leis tácitas e pensamentos ruminantes, revela que este ato não deixa de ser uma medida defensiva, uma medida protetora contra os seus próprios desejos inconscientes. Estes atos de ocultar facas tornam-se sintomas autopunitivos, sádicos, atos estes que lhe proporcionam uma certa dose de (des)prazer. Mas punição e (des)prazer em relação a quê? Gostaria de rever brevemente a constituição psíquica de Cláudio. Nesta constituição, durante a fase fálica, o ódio ao pai (reforçado pela regressão da libido à fase anal-sádica), o desejo incestuoso pela mãe e a passividade mediante este pai são recalçados devido ao medo do pai “lobo-caipora”. Mas o estudo teórico-clínico sobre o ato de ocultar facas mostra que o recalque falhou, surgindo inúmeros sintomas obsessivos durante sua infância, tendo estes perdurados até a idade adulta. Desta maneira, o ritual de ocultar facas pode ser considerado como uma formação de compromisso da antiga sexualidade infantil, perversa deste paciente. E, ao expor que ele verifica várias vezes se a faca encontra-se guardada no buraco para não “cutucar sua bunda”, acredito que os impulsos perversos encontram-se distorcidos neste sintoma. Neste ato, o desejar e o temer, o amor e o ódio estão presentes na ambivalência e se expressam, respectivamente, no sintoma de culpa e da incerteza tão característicos deste ritual. O ato de ocultar facas pode ser considerado uma medida protetora para impedir o retorno do recalçado na dinâmica psíquica deste sujeito, tornando este ato uma formação de compromisso entre o id, de um lado, e o ego impelido pelo rígido superego, de outro. Estas formações de compromissos levam-o a realizar atos de ocultar facas como formas substitutivas prazerosas para os seus desejos recalçados. Assim, os desejos incestuosos recalçados movem este sujeito em seu ritual de esconder facas, criando-lhe certos tabus. O medo do toque destes desejos, o delire du toucher, leva-o a realizar “atos de loucura”, como ele próprio afirma. Estes atos consistem em rituais cotidianos de esconder e verificar facas, giletes, pregos, tesouras, agulhas (e outros objetos) na bacia de lavar roupas de sua mãe, na gaveta da cozinha onde a sua mãe guarda os talheres e em outros lugares. Não só os desejos incestuosos estão expressos nestes atos, como também a homossexualidade recalçada merece novamente um breve destaque. O medo de que uma faca o cutuque pelo ânus, isto é, o desejo de penetração passiva está presente nesta constituição psíquica. Este medo consciente (ou desejo inconsciente) expressa a antiga identificação com a mãe e a passividade pela qual este neurótico se colocou mediante a figura de seu pai durante a fase de sua organização genital infantil. Freud (1917, p.141) expõe que “fezes, bebê e pênis são três corpos sólidos; todos três forçando penetração ou expulsão, estimulam uma passagem membranosa”. Neste estudo, a faca parece representar este corpo sólido representante do pênis paterno que força essa penetração, ou seja, a faca significa toda a agressividade introjetada deste “pai-facão”, sendo esta representante do pênis sádico paterno introjetado durante a infância de Cláudio, marcando a passagem da passividade deste sujeito rumo a sua masculinização, deixando-o entregue ao fantasma da homossexualidade. É necessário ressaltar que o desejo de vir a ser penetrado sadicamente pelo pênis paterno também está ligado às raízes da passividade durante a fase do seu erotismo anal, quando as fezes eram retidas em suas prisões de ventre, denotando o ódio e o sadismo em relação ao pai. Mas ao expulsá-las, esta atitude passiva lhe proporcionava muito prazer, sendo este (des) prazer recalçado e se manifestando através do medo, do pavor, do horror que uma faca o cutucasse atualmente, em sua organização genital adulta. No artigo “A Metapsicologia da Neurose Obsessiva”, Green (1967, p. 216) destaca que “o papel da analidade [...] permanece como pedra angular na metapsicologia da neurose obsessiva”. Essa pedra angular a que Green se refere está presente no medo consciente de Cláudio de que “uma faca o cutuque”. E devido à regressão da libido à fase anal-sádica, os rituais de ocultar facas estão permeados de atos ativos (de penetrar o objeto amado, reproduzindo o ato sexual proibido) e passivos (de ser penetrado pelo pênis do pai). O ato de esconder facas manifesta, simbolicamente, toda a hostilidade inconsciente ao mundo externo. Toda a agressividade recalçada é contida neste objeto durante o seu ritual. Assim, devido à presença das pulsões destrutivas e da ambivalência de amor e ódio na constituição psíquica deste sujeito, isto o leva a se sentir, em suas próprias palavras, “paralisado, sem atitude” mediante o mundo externo. O ato de ocultar facas também revela a problemática da relação deste jovem paciente com seu pai “cruel e rei da razão”: o amor consciente ao pai, a culpa consciente encobrem o ódio, a hostilidade e o desejo parricida inconsciente dirigidos a esta figura. Neste ritual, cada vez que, simbolicamente, ele assassina o pai, este retorna cada vez mais forte através do intenso sentimento de culpa consciente apresentado por Cláudio. Esse sentimento permeia este ritual, funcionando como um círculo vicioso: após enfiar a faca no buraco, este sentimento retorna mais intenso. Em “Dívida e Culpa”, Calligaris (1991, p. 20-21) diz que “a culpa é necessária à neurose, ela é um motor estrutural da neurose [...]. Além da culpa, no Homem dos Ratos é patente que a dimensão fundante do sujeito [obsessivo] é a dívida [simbólica com o pai]”. No presente caso, tanto a culpa como a dívida simbólica estão presentes no ato de ocultar facas. Cada vez que enfia uma pequena faca no buraco do muro, cada vez mais ele alimenta esta dívida para com seu pai. Esta dívida é o preço a ser pago pelo fato de um dia ter seguido os mesmos passos deste “pai-facão” e desejado o que ele deseja: sua mãe. Deste modo, durante o ritual de ocultar facas, ele expressa tanto a identificação como também toda sua hostilidade inconsciente ao “pai-facão” pelo fato deste ter-lhe interditado a sua própria mãe. De outro lado, ao interditar o seu filho de seu objeto tão desejado, a mãe, este mesmo pai lhe concede as chaves que abrem as portas ao seu mundo simbólico. E após a dissolução do seu complexo de Édipo, a identificação com o pai torna-se fonte de intensa hostilidade inconsciente contra o mesmo, sendo que o sentimento de culpa marcante nos atos de ocultar facas não deixa de ser uma reação consciente contra essa hostilidade. Uma característica marcante neste sintoma é a sobredeterminação, ou seja, o ritual de ocultar facas encontra-se sobredeterminado. Em cada ritual, em cada lugar que o paciente esconde uma faca, ele encontra formas substitutivas de prazer para os seus desejos recalçados. O ritual organiza-se em seqüências diferentes, nas quais cada uma possui uma coerência própria. Desta maneira, o ritual de ocultar facas na bacia da mãe parece representar o desejo incestuoso; o ritual de ocultar facas no buraco do sofá parece manifestar o desejo parricida e o ato de levar uma faca no bolso de trás da calça representa o desejo homossexual, de vir a ser penetrado sadicamente pelo pênis do pai (ou de outro homem).

5. Considerações Finais

É importante apontar que, segundo Freud (1913, p. 45), “no caso do tabu, a principal proibição, o núcleo da neurose, é contra o tocar e daí ser às vezes conhecida como fobia do contato”. Essa fobia do contato, esse medo do contato, do toque do próprio desejo que faz Cláudio se horrorizar frente aos seus pensamentos obsessivos, levando-o a ser um mero escravo de seus desejos recalçados. Nesta escravidão, a cegueira de seu sofrimento o aliena na busca de uma satisfação substitutiva de seus desejos: enfiando, diariamente, facas nos buracos e verificando-as várias vezes. Esta cegueira sobre os seus desejos que o escraviza em suas queixas de seus rituais obsessivos. Como Édipo que vaza os próprios olhos ao descobrir que havia desposado a mãe e matado o pai, o paciente deste estudo se cega em seu ritual diante de seu próprio desejo incestuoso e parricida. Assim, ao se cegar por seus desejos, Cláudio torna-se escravo de seu próprio sintoma de ocultar facas. Se, de um lado, este ritual é a máscara que encobre os seus medos, de outro, este mesmo revela os seus desejos, expressando toda a singularidade do “Homem das Facas”. E encerro esta apresentação do livro O Homem das Facas finais com um sábio dito de Freud (1907,p.111) sobre o cerimonial neurótico: “sob este aspecto, a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo, cômica e triste, de uma religião particular”.

Referências Bibliográficas

CALLIGARIS, Contardo. Dívida e Culpa. In: A Cura. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 5, 1991. FREUD, Sigmund (1895[1894]). Obsessões e Fobias: seu mecanismo Psíquico e sua Etiologia. ESB, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996. _____(1896). Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa. ESB, vol. III, Rio de Janeiro: Imago. _____(1897). Carta 69. ESB, vol. I, Rio de Janeiro: Imago,1996. _____ (1907). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. ESB, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago,1996. _____ (1909). Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva. ESB, vol. X, Rio de Janeiro: Imago. _____ (1913). Totem e Tabu. ESB, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago. _____ (1917[1916-17]). Conferência XVII – O Sentido do Sintoma. ESB, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago. _____ (1918 [1914]). História de Uma Neurose Infantil. ESB, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago. _____ (1926 [1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. ESB, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago. Green, André (1967). Metapsicologia da Neurose Obsessiva. In: Psychonévrose obsessionnelle et obsessions. Paris: Encyclopédie médico-chirurgicale, 1967, tradução de Saulo Krieger.